

SUCESSÃO FAMILIAR NO SETOR PECUARISTA EM PEQUENAS E MÉDIAS PROPRIEDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO RIO CLARO - MT

DANIELE CAETANO SAMPAIO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO UNEMAT - CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE DIAMANTINO

MYLENA NERES NUNES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

FLORA LIMA FARIAS DE SOUZA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT

MANOELA MORAIS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

Introdução

A representatividade econômica e social da pecuária no país e no estado de Mato Grosso, revela a importância da continuidade das atividades pelas próximas gerações, ou seja, do processo de sucessão familiar no meio rural. Este processo envolve os indivíduos de uma mesma família, com características e interesses distintos, tratando-se, então, de um momento delicado e que deve ser feito de maneira gradual para obter melhores resultados. Por meio do planejamento sucessório é possível garantir não apenas a sustentabilidade, como também tornar esses negócios rurais mais competitivos.

Problema de Pesquisa e Objetivo

A presente pesquisa buscar responder a seguinte pergunta: quais fatores influenciam a sucessão familiar no setor pecuarista em pequenas e médias propriedades rurais? Portanto, como objetivo de estudo, está a análise do processo de sucessão familiar no setor pecuarista em pequenas e médias propriedades rurais no município de São José do Rio Claro – MT, sob a perspectiva dos pais pecuaristas.

Fundamentação Teórica

O processo sucessório possui suas particularidades em cada família, como o número de envolvidos, ramo de atividade desenvolvida, os interesses, os aspectos financeiros e demais fatores individuais. Assim, no âmbito familiar a sucessão aborda a maneira como se dará a continuidade das atividades entre membros da mesma família, e, portanto, é importante que seja bem planejada e implementada para não comprometer o futuro do negócio, pois o mau planejamento gera transtornos até às próximas gerações, e por isso é necessário que haja confiança entre os envolvidos no processo.

Metodologia

Participaram da pesquisa pecuaristas donos de pequenos e médias propriedades, que foram entrevistados por meio de um roteiro semiestruturado. O roteiro foi elaborado e desenvolvido ao longo da construção do trabalho, por meio da revisão de literatura e aborda questões relacionadas ao perfil dos pais, perfil dos filhos, perfil das propriedades, histórico e sucessão familiar e desenvolvimento econômico do setor pecuarista. As entrevistas foram gravadas e em seguida transcritas, com o consentimento dos participantes. Para a análise dos dados utilizou-se a análise interpretativa.

Análise dos Resultados

Os resultados da presente pesquisa confirmam o envelhecimento da população rural, uma vez que os entrevistados tinham idades entre 50 e 79 anos. No que tange a escolaridade dos filhos, foi possível identificar que quanto maior o nível de escolaridade, menor a possibilidade de que os filhos deem continuidade aos negócios, a exceção está presente nos casos, em que os filhos se formaram em áreas relacionadas ao negócio dos pais. O gênero é um importante entrave para que o processo de sucessão ocorra, só foram consideradas como possíveis sucessoras filhas do gênero feminino que são casadas.

Conclusão

A partir da coleta e análise de dados foi possível analisar o processo de sucessão familiar no setor pecuarista em pequenas e médias propriedades no município de São José do Rio Claro, identificando os fatores de incentivo à sucessão, assim como os seus principais desafios, além de conseguir elencar sugestões de alternativas para incentivar mais o processo sucessório, atingindo assim o objetivo geral da pesquisa e trabalhando a problemática de identificar os fatores de interferência na sucessão familiar na pecuária.

Referências Bibliográficas

Barbosa et al., 2020; Brizzolla et al., 2020; Molin et al., 2019; Morais et al., 2018; Oliveira; Vieira Filho, 2018; Rech et al., 2021; Silva; Dornelas, 2021.

Palavras Chave

Sucessores, Agricultura familiar, Agropecuária

SUCESSÃO FAMILIAR NO SETOR PECUARISTA EM PEQUENAS E MÉDIAS PROPRIEDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO RIO CLARO - MT

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o Brasil vem sendo reconhecido pelo seu desenvolvimento no setor agropecuário, advindo da modernização de processos e tecnologias implementadas para a produção, favorecendo seu desempenho e ganhando competitividade no mercado interno e externo (Nascimento; Figueiredo; Miranda, 2018). Por sua vez, o estado de Mato Grosso é conhecido como o celeiro do país, sendo campeão em produção de soja, milho, algodão e de rebanho bovino, tendo crescimento relevante de 554% entre os anos de 1999 e 2012, demonstrando assim, a importância econômica das atividades no estado (Mato Grosso, 2015).

Em Mato Grosso, o Valor Bruto da Produção (VBP) atingiu R\$193,02 bilhões em 2021, o que corresponde a 17,1% do VBP Nacional e mantém o estado como o principal polo brasileiro de produção agropecuária (ACRIMAT, 2022). O VBP é um indicador de valores brutos gerados por todas as atividades agropecuárias em determinado período, e se dá pela valorização do preço da carne, aumento da demanda, dólar alto e oferta restrita de animais para abate, de acordo com o Instituto Mato-Grossense da Carne (IMAC, 2021). Os resultados da produção de soja, milho, algodão e pecuária foram os mais representativos para Mato Grosso, e a pecuária de corte foi elogiada pelo seu bom desempenho, mesmo diante da falta de chuva e suspensão temporária de exportação para a China (ACRIMAT, 2022).

Tendo em vista a representatividade econômica e social da pecuária no país e no estado de Mato Grosso, destaca-se a importância da continuidade das atividades pelas próximas gerações, o processo de sucessão familiar no meio rural (Brizzolla *et al.*, 2020). Este processo envolve os indivíduos de uma mesma família, com características e interesses distintos, tratando-se, então, de um momento delicado e que deve ser feito de maneira gradual para obter melhores resultados (Oliveira; Vieira Filho, 2018). O planejamento sucessório torna a propriedade mais competitiva no mercado quando aliada a estratégias de identificação de forças e fraquezas e medidas corretivas, que geralmente são implementadas com a profissionalização da gestão (Freitas; Frezza, 2005).

Por outro lado, as oportunidades de estudos e emprego no meio urbano chamam a atenção de jovens, inclusive filhos de pecuaristas, que por muitas vezes se mudam para as cidades e não retornam mais ao campo, criando um obstáculo à sucessão e acarretando o abandono do legado familiar (Matte; Spanevello; Andreatta, 2015). Portanto, destaca-se a necessidade de identificar os desafios e os fatores de motivação para o processo de sucessão familiar a fim de obter sucesso no mesmo (Rosso, 2012), tendo em vista a problemática de que o menor número de produtores rurais na agropecuária, por idade, se concentra abaixo de 24 anos, e a maior parcela entre a idade de 45 a 54 anos, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

O presente texto é um recorte de uma monografia defendida em 2022, do bacharelado em Administração, da Universidade do Estado de Mato Grosso. O Trabalho de conclusão do curso, foi desenvolvido tendo como pergunta norteadora: Quais fatores influenciam a sucessão familiar no setor pecuarista em pequenas e médias propriedades rurais no município de São José do Rio Claro – MT?

Portanto, como objetivo de estudo, está a análise do processo de sucessão familiar no setor pecuarista em pequenas e médias propriedades rurais no município de São José do Rio Claro – MT, sob a perspectiva dos pais pecuaristas.

2 SUCESSÃO FAMILIAR

O termo sucessão remete à continuidade de atividades, acontecimentos, transição entre tarefas, poderes ou patrimônio (Molin *et al.*, 2019). Trata-se da “[...] passagem do bastão entre uma geração e outra” (Hax, 2017, p.13). A sucessão pode ser abordada nas mais distintas áreas econômicas e sociais como forma de agregar conhecimento e orientar o processo sucessório (Morais *et al.*, 2018).

No âmbito familiar a sucessão aborda a maneira como se dará a continuidade das atividades entre membros da mesma família, e, portanto, é importante que seja bem planejada e implementada para não comprometer o futuro do negócio (Brizzolla *et al.*, 2020). Bernhoft (2003) acrescenta que o mau planejamento gera transtornos até às próximas gerações, e por isso é necessário que haja confiança entre os envolvidos no processo.

Muitos são os desafios encontrados em meio ao processo sucessório causando apreensão entre os envolvidos, sendo necessário superá-los e discuti-los a fim de buscar eficiência nos resultados do processo em geral (Rosso, 2012). Trata-se de um momento complexo, tanto em aspectos financeiros, quanto em aspectos emocionais (Nishitsuji, 2009).

Além disso, o processo sucessório possui suas particularidades em cada família, como o número de envolvidos, o ramo de atividade desenvolvida, os interesses, os aspectos financeiros e demais fatores individuais e coletivos, que devido à complexibilidade de cada um, sugere-se que o processo seja “[...] desenvolvido de forma gradual, em etapas estruturadas e progressivas” (Oliveira; Vieira Filho, 2018, p. 17).

Assim, a sucessão deve ter clareza, por ser um momento delicado entre a família, no qual o gestor precisa ter o conhecimento suficiente para realizá-lo, assim como o sucessor deve estar preparado para assumir a gestão e dar continuidade ao legado familiar (Brizzolla *et al.*, 2020). Para que, assim, garanta o futuro do negócio, além da harmonia familiar e financeira (Morais *et al.*, 2018).

Diferentemente de negócios de setores não agrícolas, no meio rural, as atividades normalmente são continuadas por membros da família, podendo acontecer da partilha até a troca da gestão (Buainain *et al.*, 2014). No entanto, algumas dificuldades podem ser encontradas no caminho e dificultar a sucessão como, por exemplo, o envelhecimento do público de produtores no meio rural, a relutância do pai em tratar sobre o assunto (Biff, 2019), o desinteresse por parte dos filhos, falta de preparo dos mesmos para assumir os negócios e os conflitos existentes entre a família (Abramovay, 2007).

Além disso, a mudança dos jovens para as cidades, a fim de estudar ou trabalhar, é outro fator que acarreta a descontinuidade no processo sucessório das atividades rurais da família, tendo em vista a dificuldade dos jovens em retornar ao campo (Secretaria Nacional da Juventude, 2018). Rosso (2012) aponta os desafios relacionados à falta de espaço para que os filhos participem na tomada de decisões, a negativa para implementação de tecnologia, a falta de separação da vida pessoal e profissional, não dar espaço a novos propósitos, novas ideias e uma nova realidade, além que, não determinar a função de cada um na organização para planejar o negócio em harmonia com o interesse de todos.

Jansuwan e Zander (2021) abordam que a principal característica do envelhecimento da população rural é que os jovens têm se mudado para a área urbana em busca de estudar e seguir carreiras que se adaptem aos seus elevados níveis de educação. Rech *et al.* (2021) ressalta como dificuldades para que haja o processo sucessório o apego emocional, falta de diálogo e as falhas na comunicação decorrentes da incerteza quanto aos herdeiros. O nível de escolaridade dos sucessores, nível de investimentos na propriedade e o desempenho econômico da mesma são variáveis que impactam diretamente a sucessão. Cavicchioli, Bertoni e Pretolani (2018) constataram que a sucessão agrícola é mais provável entre herdeiros do sexo masculino.

Em contrapartida, Barbosa *et al.* (2020) destacou que para as mulheres da agricultura familiar, a sucessão familiar dependerá da atratividade rural, o apoio familiar, reconhecimento, condições de trabalho e de vida e autonomia financeira.

Os fatores determinantes para a permanência dos jovens no campo, incluem a qualidade de vida no meio rural, ficar próximo da família, gostar do que faz no meio rural, ser dono do próprio negócio, custo de vida mais barato, rentabilidade das atividades desenvolvidas, dificuldade em arranjar outro emprego e o espaço que o jovem tem dentro das decisões sobre a propriedade e seu gerenciamento (Silva; Dornelas, 2021). Para tanto, o ideal é que a sucessão familiar se inicie enquanto os sucessores são pequenos, para que estes criem gosto pelo negócio e a sucessão ocorra de forma gradual e precisa, de maneira habilidosa e coordenada pelo sucedido, em plena saúde física e mental (Faccin; Schmidt, 2013).

Os negócios familiares são importantes e possuem número representativo de propriedades que afetam diretamente o desenvolvimento econômico brasileiro (Freitas; Frezza, 2005). Daí ressalta-se a importância de analisar a sucessão familiar rural por critério de porte de imóveis.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na perspectiva de Gil (2002), trata-se de uma pesquisa de campo e bibliográfica e de abordagem qualitativa. A investigação se deu por meio de entrevistas semiestruturadas com seis pecuaristas do município de São José do Rio Claro e foi complementada por revisões em materiais já publicados, como livros, teses e artigos científicos para entender a conceituação e normativas acerca do tema, assim como interpretar os dados da pesquisa.

3.1 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada com roteiro de vinte e duas perguntas abertas, gravadas e transcritas a partir do consentimento dos participantes. O roteiro foi elaborado e desenvolvido ao longo da construção do trabalho, por meio da revisão de literatura e aborda questões relacionadas ao perfil dos pais, perfil dos filhos, perfil das propriedades, histórico e sucessão familiar e desenvolvimento econômico do setor pecuarista. A amostra foi delimitada por conveniência e indicação de contatos. Foram feitas entrevistas com seis sucedidos e o crivo metodológico de recorte dos participantes partiu de pais pecuaristas, donos de pequenas e médias propriedades rurais de São José do Rio Claro, município do interior do estado de Mato Grosso, com distância aproximada de 295 km da capital, Cuiabá. Objetivou-se analisar os fatores que acarretam ou não a sucessão familiar e a permanência ou saída dos jovens das propriedades rurais pecuaristas. Para a análise dos dados utilizou-se a análise interpretativa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados do estudo foram construídos no *locus* empírico durante o primeiro semestre do ano de 2022, as respostas advindas da entrevista foram pré-analisadas de forma indutiva conforme preconiza Bogdan e Biklen (1994) à luz do aporte teórico relacionados à sucessão familiar e serão discutidas nos tópicos que sucedem.

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

As características predominantes dos entrevistados são: gênero masculino (5), com idades entre 50 e 79 anos. A maior parte com grau de escolaridade de ensino fundamental

incompleto (3) e estado civil casado (5). A quantidade de filhos é entre um e quatro, sendo que a maioria dos participantes tem dois (2) e três filhos (2).

Em relação a idade, o resultado vai ao encontro das estimativas do último censo IBGE (2017) quanto ao número de estabelecimentos agropecuários por idade do produtor, identificamos que a maior parte dos respondentes (3) se enquadram na faixa etária entre 55 e 64 anos, de acordo com o censo, no Brasil, é a segunda mais alta presente na área rural, atrás apenas da faixa etária de 45 e 54 anos.

Maia (2014) destacou que o número de filhos por família tem sido cada vez menor nos últimos anos, o que explica os resultados de dois ou três filhos para a maior parte dos respondentes (4), enquanto a maioria dos próprios respondentes (4) possuem entre 11 e 12 irmãos.

Pereira e Castro (2021) afirmaram acerca da dificuldade da educação escolar no meio rural, indicando o analfabetismo como um sintoma social comum até a modernização no campo na década de 1960, e só a partir daí os níveis de escolaridade foram se iniciando no meio rural, mas que ainda são bastante tímidos em relação aos anos seguintes. A partir do exposto, percebemos que os respondentes nasceram entre 1943 e 1972, o que explica os baixos níveis de escolaridade da maior parte deles (4).

4.1.1 Perfil dos filhos

O quadro 1, apresenta os dados referentes ao gênero, idade, estado civil, grau de escolaridade, profissão e local onde moram.

Quadro 1: Perfil dos filhos

Respondente	Quantidade de filhos	Gênero dos filhos	Idade dos filhos	Estado civil dos filhos	Grau de escolaridade de dos filhos	Profissão dos filhos	Local onde moram os filhos
1	2	Feminino	34	Casada	Ensino superior completo	Nutricionista	Outro município, na cidade
		Masculino	39	Casado	Ensino médio completo	Pecuarista	São José do Rio Claro, na cidade
2	2	Feminino	29	Solteira	Ensino superior completo	Fisioterapeuta	Outro município, na cidade
		Masculino	30	Casado	Ensino superior completo	Agrônomo e pecuarista	São José do Rio Claro, na cidade
3	3	Feminino	54	Casada	Ensino médio completo	Do lar	Outro município, na cidade
		Feminino	56	Viúva	Ensino superior completo	Professora	Outro município, na cidade

		Feminino	57	Casada	Ensino médio completo e curso técnico	Auxiliar administrativo	Outro município, na cidade
		Feminino	33	Casada	Ensino médio completo	Lojista	Outro município, na cidade
4	4	Masculino	37	Casado	Ensino médio completo	Atendente de farmácia e pecuarista	Outro município, na cidade
		Feminino	40	Casada	Ensino médio completo	Comerciante	Outro município, na cidade
		Feminino	42	Casada	Ensino médio completo	Pecuarista	São José do Rio Claro, no sítio
		Feminino	20	Solteira	Ensino superior cursando	Atendente de farmácia	São José do Rio Claro, na cidade
5	3	Masculino	25	Solteiro	Ensino médio incompleto	Garçon e motorista	Outro município, na cidade
		Feminino	28	Casada	Ensino médio completo	Do lar	São José do Rio Claro, na fazenda de terceiros
6	1	Masculino	33	Casado	Ensino fundamental incompleto	Pecuarista	São José do Rio Claro, no sítio

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Após analisar o perfil dos seis pecuaristas entrevistados, buscou-se identificar o perfil de seus filhos. A somatória de filhos dos seis entrevistados totaliza 15 filhos. Desses 15 filhos, 10 são do gênero feminino e cinco do gênero masculino, e a idade entre 20 e 57 anos.

Quanto aos níveis de escolaridade, cinco filhos possuem superior completo. Em relação à área de formação, cinco filhos têm referência direta com a continuidade da atividade rural, sendo quatro homens e uma mulher. Os filhos dos respondentes do gênero masculino, que cursaram ensino médio completo (2), que possuem o ensino fundamental incompleto (1) e que fizeram ensino superior na área agrícola (1), são todos casados e seguiram a atividade pecuarista com seus pais. Apenas um dos filhos, solteiro, possui ensino superior incompleto e não segue na atividade. Esse resultado corrobora o encontrado em trabalhos anteriores que identificaram o nível de escolaridade como fator determinante para o processo de sucessão, em que quanto maior o nível de escolaridade do sucessor, menores são as chances de que eles retornem ao campo, pois buscam carreiras que se adequem aos seus níveis de escolaridade (Jansuwan; Zander, 2021; Rech *et al.*, 2021).

Percebe-se ainda que os resultados de continuidade em quatro casos, de filhos do gênero masculino, vão de acordo com os estudos de Cavicchioli, Bertoni e Pretolani (2018), que afirma essa passagem de bastão para os filhos de gênero masculino devido a crenças normativas, em que desde pequenos os pais transmitem conhecimentos para os filhos do gênero masculino e tentam ensiná-los a seguir seus passos.

Em relação às filhas dos respondentes, nota-se que aquelas que cursaram ensino superior (3), são em áreas da educação e saúde. Sobre as filhas, os pais relatam que não há possibilidade de voltarem para o campo, pois se mudaram de cidade a fim de estudar, e atualmente atuam em suas áreas de formação nas cidades em que residem com seus companheiros. Uma das filhas, está cursando ensino superior na área da saúde no município de São José do Rio Claro pela modalidade de ensino à distância, pois a família não possui condições financeiras para arcar com os custos de moradia da filha em outro município. Aos poucos essa filha tem deixando o campo, mas tem intenções de voltar, pois o namorado é envolvido na área rural e a incentiva a ser sucessora. Apenas uma das demais filhas se mantém na atividade pecuarista, pois se casou com um pecuarista. Estes resultados indicam que o cônjuge é um fator que impacta na sucessão, resultados semelhantes foram apresentados por Matte, Spanevello e Andreatta (2015).

Estudos anteriores identificaram a questão do gênero como um entrave para o processo de sucessão. Pessoas do gênero feminino possuem maior dificuldade de inserção no cenário rural, tendo como principais desafios o de conquistar o seu espaço, se impor e realizar tomadas de decisões em um ambiente predominantemente masculino (Rosso, 2012).

4.1.2 Perfil das propriedades

Para a delimitação do perfil das propriedades utilizamos os dados da quantidade de bovinos e área da propriedade de cada respondente, e através dessa última, delimitamos também o porte do imóvel rural, detalhados abaixo no quadro 2.

Quadro 2: Perfil das propriedades

Respondente	Área da propriedade	Porte do imóvel rural	Quantidade de bovinos
1	198 hectares	Pequeno porte	380
2	50 hectares	Pequeno porte	50
3	200 hectares	Pequeno porte	200
4	50 hectares	Pequeno porte	75
5	51 hectares	Pequeno porte	26
6	677 hectares	Médio porte	750

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Dos seis entrevistados, cinco possuem imóveis rurais de pequeno porte, e apenas um de médio porte. É possível perceber que a área da propriedade possui relação direta com a viabilidade econômica da mesma.

No que tange respeito ao porte do imóvel, vale ressaltar a importância dos negócios familiares de pequeno porte, que segundo Freitas e Frezza (2005) são responsáveis por uma boa parcela do desenvolvimento econômico brasileiro por serem um representativo número de propriedades. Silva e Anjos (2022) reforçam ainda que há grande parcela de pecuaristas familiares no meio rural, mas que muitos estão arrendando ou vendendo suas terras para agricultores, pois muitas vezes estão envelhecendo no campo e não encontram sucessores para dar continuidade no próprio âmbito familiar.

4.1.3 Histórico e sucessão familiar

A fim de compreender o histórico familiar e adentrar no assunto de sucessão com os respondentes, explorando os fatores envolvidos, foram feitas cinco perguntas abertas: “Como adentrou na atividade pecuarista?”, “Há conversas sobre sucessão com os filhos?”, “Gostaria que o filho permanecesse no estabelecimento rural? Por quê?”, “Há a possibilidade de os filhos darem continuidade nas atividades? Por quê?” e “Quais responsabilidades são designadas ao sucessor?”.

Com a pergunta “como adentraram na atividade pecuarista”, identificou-se que quatro dos seis participantes da pesquisa tinham pais que já eram pecuaristas, trata-se de uma atividade que foi transmitida entre as gerações e pode envolver apego e gosto pela atividade desde pequeno. Esta constatação foi evidenciada na fala “as gerações anteriores todas mexiam com gado, desde criança tenho esse dom, com sete anos eu já arreava o cavalo” (Respondente 1). Esse resultado confirma os estudos que elencam o fator gostar da atividade como determinante para que haja a sucessão, ressaltando ainda a importância de incluir os filhos no negócio rural, desde cedo (Faccin; Schmidt, 2013, Kraemer, 2017, Kruger *et al*, 2018; Pessoto, 2019, Silva; Dornelas, 2021).

Por outro lado, dois dos entrevistados relatam que vêm de famílias menos abastada socialmente, mas viram a oportunidade de ingressar no setor pecuarista “[...] minha família vem de uma família pobre, uns trabalhou de empregado, outros no comércio, outros professor, outros trabalhando em casa de família, minha família é tudo assim. A pecuária não vem de família, vem da experiência dos anos” (Respondente 1) e “eu que comecei a atividade pecuarista, minha família era sempre ‘empregados’ e depois aposentaram e faleceram cedo. Um amigo comprou uma fazenda aqui e eu vim pra tocar, depois comprei umas terras pra mim” (Respondente 3) e continuam até hoje na atividade.

Em relação à pergunta sobre sucessão com os filhos, cinco respondentes afirmam haver diálogo e apenas um não. Tais resultados são diferentes dos encontrados em estudos, que afirmam que a falta de diálogo e falhas na comunicação são fatores comumente encontrados como dificuldades no que se refere à sucessão (Rech *et al*, 2021). No entanto, também se percebe que a conversa sobre sucessão tem ocorrido apenas com os filhos de gênero masculino, o que afirma novamente as crenças normativas de que os filhos de gênero masculino devem continuar o legado de seus pais, mas que se trata de um trabalho menos inclusivo para as filhas de gênero feminino no meio rural (Cavicchioli; Bertoni; Pretolani, 2018). As falas a seguir evidenciam as questões de gênero, estudo, residência escolhida e envolvimento desde tenra idade.

O filho que sempre conversa, agora a filha já foi estudar, foi morar fora, casou e de lá não voltou mais, não sabe nem andar a cavalo. O filho já me segue, está entusiasmado na pecuária, não quis fazer faculdade nada e seguir eu mesmo (Respondente 1).

Só com o filho, a gente sempre conversa né, e a gente vê o desempenho dele, meu filho já tem uma parte de gado dele e amanhã ou depois se a gente vier a faltar ele toca. É um ajudando o outro. Agora a filha já é mais difícil, foi embora estudar e o namorado também é de outra área (Respondente 2).

Não, as filhas cada uma partiu para um lado, casou e foi cuidar da sua vida e eu fiquei lá no sítio sozinho mesmo. Quando comprei o sítio elas já eram grandinhas e nenhuma delas se invocou com terra não (Respondente 3).

Nós somos bem comunicativos com os filhos, só que a mais velha que é mais próxima, os outros estão longe. Mas desde pequenos os outros ajudavam mais nas outras coisas, quem tirava leite era a esposa (Respondente 4).

Sim. Desde pequenos todos ajudavam, um tirava leite outro tratavam das vacas, toda a vida ajudou (Respondente 5).

Já. Eu estou ensinando como o meu pai ensinou, estou encaminhando (Respondente 6).

A importância de incentivar a participação dos filhos desde pequeno nas atividades possibilita que eles desenvolvam apreço pelo negócio e reitera a possibilidade de serem sucessores futuramente. O gênero confirma ser um fator que interfere diretamente na sucessão, os filhos de gênero masculino estão ligados a áreas voltadas ao rural ou não fazem ensino superior, dando continuidade no setor pecuarista. Por outro lado, as filhas têm ido embora estudar em áreas ligadas à saúde e educação, se envolvendo com pessoas de áreas relacionadas, e não tem interesse em serem possíveis sucessoras.

Ao perguntar se gostariam que os filhos permanecessem no estabelecimento rural, as respostas foram positivas e demonstram o fator gostar da atividade como de importância: “muita gente fala que tem que arrendar para a soja, mas enquanto eu puder andar quero continuar na atividade da pecuária né, porque eu gosto, não tenho intenção de mudar não” (Respondente 1), “Sim, cada um na função deles, mas é o sonho da gente” (Respondente 4), “Sim. Eu gosto de mexer com gado e sei que eles também gostam” (Respondente 5), “Sim, ele tem que tocar pra frente né, fazer o que o pai dele ensinou, o que o avô dele ensinou, o que eu estou ensinado (Respondente 6).

O único pai que não manifestou resposta positiva, justificou: “Não gostaria, porque elas nunca pediram para trabalhar junto e ficou sempre por minha conta. Se elas tivessem pego gosto de criança eu gostaria” (Respondente 3). Outros fatores como sucesso econômico na atividade, implementação de tecnologia e melhorias na propriedade, ambiente mais saudável para se viver, trabalho por conta própria e independente, continuar o legado das gerações, são fatores demonstrados pelos entrevistados como importantes para que haja a sucessão familiar no setor pecuarista, assim como já apontados nos estudos de Rech *et al.* (2021) e Silva e Dornelas (2021).

Podemos observar que apesar de o Respondente 3 não compreender suas filhas como possíveis sucessoras, um neto se envolve na atividade para ajudá-lo, demonstrando, portanto, que se tiver o apoio do avô, pode sim ser um possível sucessor.

Sobre as responsabilidades que são designadas aos sucessores, percebe-se que em todas as propriedades de pequeno porte o trabalho desenvolvido é todo feito pelo proprietário da terra, e em três casos, contam com a ajuda dos filhos: “eu ajudo ele e ele me ajuda, nós nos ajudamos né” (Respondente 1), “tudo nós dois que fazemos (Respondente 2) e “ajuda a fazer tudo, não tem empregados (Respondente 5). Dentre as atividades citadas pelos respondentes, estão: “cuidar do gado” (Respondentes 1, 2, 5 e 6), “fazer cerca” (Respondentes 1 e 2), “medicar animais” (Respondente 2), “tratar do gado” (Respondentes 1 e 5), “tirar leite” (Respondente 5) e “fazer silagem” (Respondente 5). Quanto mais o sucessor estiver envolvido nas atividades, as expectativas dos pais e filhos estejam alinhadas, e o processo sucessório seja de conhecimento da família e planejado, maiores são as chances de os sucessores permanecerem na atividade (PESSOTO, 2019).

Em uma das propriedades de pequeno porte, o pai informou nenhuma atividade destinada aos filhos. Na propriedade em que o neto começou a participar, devido à falta de prática, conforme apontado pelo participante não se trata de uma ajuda efetiva nas atividades, mas um interesse inicial no trato pelo gado. Na propriedade de médio porte, as atividades designadas ao sucessor são de cuidar do gado, contudo de acordo com a mãe pecuarista há um funcionário para auxiliar em todas as tarefas.

4.1.4 Desenvolvimento econômico

Sobre o desenvolvimento econômico da propriedade, foram indagadas quatro questões: “Possui maquinários e acesso à serviços como água, energia, telefone e internet?”, “Como você vê o negócio familiar no futuro?”, “Como vê o desenvolvimento da atividade pecuarista nos

últimos anos?” e “Quais são os principais pontos positivos e negativos da pecuária familiar e possíveis incentivos à permanência de mais jovens no setor pecuarista?”.

Todas as propriedades possuem os serviços essenciais de água e energia. Cinco deles possuem acesso a telefonia, o único que não possui é o que a propriedade está há uma maior distância da zona urbana, que é de 17 quilômetros. Quanto à internet, percebe-se que 4 deles possuem acesso, fator relacionado ao lugar ser a residência da família. Os outros dois que não possuem, residem na zona urbana, mas passam o dia em suas propriedades. Quatro dos respondentes possuem trator e implementos em sua propriedade que os filhos estão envolvidos e auxiliam os pais nas atividades pecuaristas. Enquanto os outros dois possuem propriedades de menor área, sem maquinários e sem auxílio dos filhos. Os estudos de Pessoto (2019) confirmam a ideia de que não mais mecanizada for a propriedade, maiores são as chances de os filhos buscarem permanecer na atividade.

Ao abordar a questão de como os pais veem o negócio familiar no futuro, percebe-se que cinco possuem boas perspectivas para as propriedades no setor pecuarista, mas afirmam que é preciso investir em tecnologias, melhorar o manejo e pastagens ou até mesmo incluir novas culturas para que os filhos retornem ao campo para ajudar: “barato não é, mas fazendo investimento você tem retorno e se você não fizer você sai da propriedade” (Respondente 2) e “eu tinha a intenção de que eles viessem todos para o sítio, pra gente ter um criatório de suínos e outras culturas e daí ter como eles ficarem na propriedade. Hoje a propriedade é pequena e não tem renda suficiente para todo mundo ali dentro” (Respondente 5). Silva e Dornelas (2021) reforçam em seus estudos a rentabilidade das atividades como um fator importante para a sucessão e nos resultados percebe-se que os pais afirmam a importância de investimento na propriedade, pois os investimentos serão responsáveis por um melhor retorno na atividade com o decorrer do tempo.

Essa realidade não se aplica para um dos entrevistados, pois segundo ele “pelo que a gente vai tocando a propriedade no final eu acho que os filhos não tocam não, porque depende de gente né, e trabalhar com pessoas hoje é pegar o que tem e dar pros outros, e o pessoal não quer trabalhar mais” (Respondente 3), reforçando que as filhas não têm interesse na sucessão e que é difícil encontrar mão de obra de terceiros e de qualidade para auxílio nas atividades. De acordo com Inwood e Sharp (2012) com o passar dos anos, se não houverem possíveis sucessores, o produtor pode desanimar e a situação ocasionar a redução de produtividade da atividade.

Quanto ao desenvolvimento da atividade pecuarista nos últimos anos, os pais entrevistados relatam grande preocupação, todos afirmam que a agricultura tem expandido e ameaçado as atividades pecuaristas: “a maioria está arrendando as terras para lavoura. Esse ano passado muito conhecido meu que vendeu o gado e arrendou as terras pra lavoura” (Respondente 1); “já fizeram proposta pra gente, mas a gente não pensa nisso de momento, talvez pro futuro” (Respondente 4). Silva e Anjos (2022) abordam como principais fatores o envelhecimento da população rural e a falta de sucessores na pecuária, como principais motivos para arrendamento ou venda das terras a outras atividades, sobretudo agrícolas.

Os entrevistados destacam a busca por melhorias na propriedade rural, que podem incluir investimentos em genética e pastagem, em busca de aumentar a quantidade de animais em determinada área, tendo assim maior lucratividade e retorno dos investimentos. E também, o interesse em diversificar o negócio com integração de lavoura e pecuária, salientando a importância dos investimentos e cuidados com correção do solo e pastagens.

Relata-se que o erro dos pecuaristas “foi pensar que as terras não precisavam ser corrigidas, achava que colocava o gado lá e eles viviam daquele jeito, mas não pode né. Quando começamos a corrigir dá resultado, eu acho a pecuária melhor do que a agricultura” (Respondente 3). No entanto, alguns reclamam do alto custo para investir da atividade, em que “para o pequeno o custo de manter a propriedade faz com que arrendem ou vende pra plantar

soja. Os custos para formar a terra é muito alto e às vezes o retorno não é suficiente para estar reformando” (Respondente 4). Kruger *et al* (2018) aborda que os subsídios para investimentos no agronegócio por parte do governo são essenciais e determinantes para a continuidade nos negócios, e, de acordo com os resultados dessa pesquisa, percebemos que os pequenos, por muitas vezes, encontram maiores dificuldades para garantir tais recursos e isso pode se tornar um empecilho e motivo para venda ou arrendamento das áreas e abandono da atividade pecuarista.

Um dos entrevistados relata a preocupação com a migração de pessoas que viveram a vida toda no sítio e estão arrendando suas terras para morar na zona urbana. Ele afirma que os pequenos que estão mais suscetíveis ao arrendamento, e que estes eram responsáveis pela agricultura familiar. Dessa forma, há a redução da oferta de produtos de origem da agricultura familiar, o que causa o aumento exorbitante dos preços ou a escassez em determinados períodos.

Indaga ainda que o Sindicato Rural oferta cursos em parceria com o SENAR, mas que “ninguém quer participar de curso. A prefeitura aqui tá com três máquinas zero tudo com a concha colocada no chão e não tem funcionário porque não sabe subir numa máquina e dar partida, tem o curso, mas não querem participar” (Respondente 3). Como sugestão informa que “eles podiam continuar no sítio, montar uma granja de galinha, de suíno, vaca de leite, enfim, ele pode ter como sobreviver com mais facilidade né” (Respondente 3) ou ao menos participar dos cursos e exercer alguma atividade na cidade, demonstrando preocupação a curto e médio prazo “você vai ver a crise não é agora, vai ser daqui mais uns 2 ou 3 anos porque todos esses que tão largando da atividade não tem formação” (Respondente 3). Dessa forma, compreende-se que é preciso cada vez mais a presença e implementação de políticas públicas, e que elas cheguem de fato até o pecuarista, sobretudo os pequenos e médios, sendo adotadas práticas constantes de incentivo e a fim de demonstrar a importância do setor para a economia e sucessão (Morais, 2017).

Por fim, dentre os pontos positivos e negativos elencados na pecuária familiar, destaca-se o fator econômico, que atua em ambos os lados. Os pecuaristas relatam que quando “a soja estava boa de preço né, aí dava um incentivo pra eles arrendarem, mas hoje não estou achando tanta vantagem não, acho que ficar com a pecuária hoje está lucrando mais. Quem vendeu as vacas não compra pelo mesmo preço mais” (Respondente 1), demonstrando as oscilações do mercado como fatores de influência na permanência ou saída da atividade. Outro ponto positivo destacado é que se trata de “uma atividade que a gente permanece na área rural, tem a morada, um lugar bom para morar e a gente gosta da atividade” (Respondente 4). Silva e Dornelas (2021) constataram a qualidade de vida no campo, além do custo de vida ser menor, como fatores determinantes para a continuidade das atividades rurais.

Negativamente, de acordo com um dos pecuaristas “os custos muito altos, tem horas que se torna inviável reformar e é o caso que muitas pessoas têm desistido e passa né pra lavoura” (Respondente 4).

No que se trata de incentivos para a sucessão, os pais abordam o incentivo desde criança e a preparação por meio de cursos ou escolas técnicas, assim como o incentivo por parte de órgãos federativos para que os sitiantes tenham mais opções de culturas como forma de agregar mais renda, como podemos ver adiante:

Bem poucos estão tendo interesse. Tem que incentivar desde pequeno, mas está difícil, eles estão mais em outras atividades, a maioria já vai fazer faculdade e jamais eles querem voltar (Respondente 1).

Um incentivo pros filhos é mostrar para os filhos que ela rentável, mostrando esses pontos que eles não tá enxergando. Se você incentivou o seu filho no caminho certo ele vai embora (Respondente 2).

Pra incentivar mais a sucessão a educação é o primeiro passo, começando pela escola em tempo integral e curso técnico junto, que é onde sai um profissional. Precisa urgentemente de ter uma reunião com esse povo e botar para trabalhar, pelo

menos aprender a trabalhar. Quando a gente tinha a escola agrícola aqui não teve um que se deu mal, todos aprenderam desde pequeno. Não precisa trabalhar, mas que pelo menos participe, tem que aprender né, ensinar a criança a fazer e amanhã ou depois ela pode continuar e passar a informação pros outro (Respondente 3).

Eu acho assim que para os jovens hoje precisa de estudo, mas só o estudo muitas vezes não é suficiente para pegar uma carreira, então um incentivo que seria bom é ter uns cursos pra orientar os jovens que a área rural ainda é uma atividade viável, a pecuária no caso, e os filhos que acompanham os pais hoje tem se dado muito bem, então eu acho que um dos motivos é ter o incentivo da família também (Respondente 4).

Eu acho que na propriedade rural tinha que ter um incentivo em questão de o produtor ter mais opções de culturas para ter no mínimo 3 opções pra ele ter na propriedade. O projeto de suinocultura mesmo depende do município para trazer. Se um pecuarista tiver um barracão de suínos quanto de adubo que ele compra e não ia precisar de comprar. Tem gente que fala que o porco não dá muito lucro, mas se o cara conseguir sobreviver com ele e sobrar só o dejetos para jogar no pasto não precisa nem comprar adubo mais (Respondente 5).

Não sei se é a prefeitura, mas tinha que ter mais visitas nas propriedades, incentivar mais o pequeno produtor porque são eles que tem abandonado a atividade. Não sei quem é que deve ajudar, mas eu acho que alguém tem que ajudar, estar mais próximo e levar mais conhecimento (Respondente 6).

Morais *et al.* (2017) abordam a questão de adotar políticas públicas e medidas de discussão sobre preparação e sucessão no âmbito familiar rural, por se tratar de um assunto que é de interesse da sociedade e do governo, pode afetar diretamente a economia da região. Os autores enfatizam que entre os fatores elencados anteriormente, como a falta de interesse dos jovens, a resistência por parte dos pais são somente alguns dos empecilhos que podem ser enfrentados”. Os autores ainda ressaltam que a parceria entre órgãos federais, estaduais ou municipais, juntamente com universidades, cooperativas do setor e também implementação de escolas agrícolas como de suma importância para incentivar a sucessão familiar. Kraemer (2017) complementam essa informação, afirmando que a falta de incentivo governamental é o principal fator das migrações para a cidade e que esse fator precisa de atenção e medidas para “atrair e reter talentos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da coleta e análise de dados foi possível analisar o processo de sucessão familiar no setor pecuarista em pequenas e médias propriedades no município de São José do Rio Claro, identificando os fatores de incentivo à sucessão, assim como os seus principais desafios, além de conseguir elencar sugestões de alternativas para incentivar mais o processo sucessório, atingindo assim o objetivo geral da pesquisa e trabalhando a problemática de identificar os fatores de interferência na sucessão familiar na pecuária.

De maneira geral, o gênero é importante limitador para que o processo de sucessão ocorra, pois as filhas mulheres não são consideradas como possíveis sucessoras, a menos que sejam casadas com homens envolvidos em atividades rurais. Outro importante entrave ao processo de sucessão é o nível de escolaridade dos filhos, em que quanto maior sua formação, menor o interesse em dar continuidade aos negócios familiares, exceto quando essa formação superior ocorre em áreas relacionadas às atividades do campo.

No que tange à propriedade, é possível inferir que o seu tamanho e sucesso econômico são facilitadores do processo de sucessão, ou seja, pais donos de propriedades maiores, com mais bovinos e que possuem melhores perspectivas econômicas futuras e tecnologias à disposição, enxergam o processo sucessório familiar como uma possibilidade. O que os leva a dialogar e incentivar a participação dos filhos em seus negócios.

Assim, a temática abordada é de extrema importância e quando analisada minuciosamente demonstra preocupação para o setor pecuarista e interfere de maneira direta na economia a médio e longo prazo, caso medidas não sejam tomadas.

Quanto às limitações do estudo, destaca-se a quantidade de entrevistados, devido, sobretudo, à dificuldade de contato com estes durante o dia, pois todos os pais pecuaristas entrevistados estão envolvidos diretamente com a mão de obra da atividade e suas disponibilidades para entrevistas são maiores à noite ou foram agendadas para os dias em que tiveram disponibilidade para resolver negócios na zona urbana.

Sugere-se que o tema seja tratado futuramente em maior profundidade e em mais regiões geográficas, analisando um grupo maior de pecuaristas e até mesmo de filhos de pecuaristas, a fim de compreender se as variáveis apresentadas são semelhantes entre os dois públicos e de entender e delimitar as expectativas de ambas as partes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão**. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2007. 296 p.

ACRIMAT, Associação dos Criadores de Mato Grosso. **Valor da Produção Agropecuária de Mato Grosso atinge R\$193 bilhões em 2021**. 2022. Disponível em: <https://acrimat.org.br/portal/valor-da-producao-agropecuaria-de-mato-grosso-atinge-r-193-bilhoes-em-2021/>. Acesso em: 27 mar. 2022.

BARBOSA, Roseli Azambuja *et al.* Using Q-methodology to identify rural women's viewpoint on succession of family farms. **Land Use Policy**. v. 92. n. 1, mar. 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264837719318101#:~:text=Q%2Dmethodology%20was%20used%20to,living%20conditions%2C%20and%20financial%20autonomy>. Acesso em: 4 ago. 2022.

BIFF, Mariely *et al.* **Mulheres do agro: inspirações para vencer desafios dentro e fora da pteira**. Belo Horizonte – MG: Letramento, 2019.

BRIZZOLLA, Maria Margarete Baccin *et al.* Sucessão Familiar em Propriedades Rurais. **Revista Research**. v. 9. n. 10, out. 2020. p. 01-26. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9408>. Acesso em: 8 abr. 2022.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. 9 ed. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BUAINAIN, Antônio Márcio. **O mundo rural no Brasil no século XXI: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília-DF: Embrapa. 2014.

CAVICCHIOLI, Daniele; BERTONI, Danilo; PRETOLANI, Roberto. Farm succession at a crossroads: The interaction among farm characteristics, labour market conditions, and gender and birth order effects. **Journal of Rural Studies**. v. 61. n. 1, jul. 2018. p. 73-83. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S074301671731207X>. Acesso em: 9 jul. 2022.

FACCIN, Olívio Pedro; SCHIMIDT, Carmem Elizabete Finkler. **Sucessão nas Propriedades Rurais Familiares Integrantes de uma Cooperativa Agropecuária**. 2013, 25 f. Tese (Tecnólogo em Gestão de Cooperativas). Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas, Escola Superior de Cooperativismo. Porto Alegre - RS. 2013.

FREITAS, Ernani Cesar de; FREZZA, Cleusa Maria Marques. Gestão e sucessão em empresa familiar. **Revista Gestão e Desenvolvimento**. v. 2. n. 1, jan. 2005. p. 31-43. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/1063>. Acesso em: 21 fev. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HAX, Rodolfo. **Fatores relevantes para a permanência dos jovens no campo no município de São Lourenço do Sul**. 2017. 44 f. Monografia (Bacharelado em Desenvolvimento Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Lourenço do Sul-RS. 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produtores**. 2017. Disponível em https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/produtores.html. Acesso em 15 nov. 2021.

IMAC, Instituto Mato-grossense da Carne. **Bovinocultura impulsiona aumento na estimativa do VBP da pecuária**. 2021. Disponível em: <https://imac.agr.br/site/noticia/bovinocultura-impulsiona-aumento-na-estimativa-do-vbp-da-pecuaria-152/?tipo=noticia>. Acesso em: 16 nov. 2021.

INWOOD, Shoshanah; SHARP, Jeff. Farm persistence and adaptation at the rural–urban interface: Succession and farm adjustment. **Journal of Rural Studies**. v. 28. n. 1, jan. 2012. p. 107-117. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232398742_Farm_persistence_and_adaptation_at_the_rural-urban_interface_Succession_and_farm_adjustment. Acesso em 11 nov. 2021

KRAEMER, Felipe. **Administração rural: ferramentas para a manutenção do jovem no campo**. 43 f. 2017. Dissertação (Especialista em Administração Estratégica e Financeira), Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade do Oeste de Santa Catarina. Videira-SC, 2017.

KRUGER, Silvana Dalmutt *et al.* Fatores determinantes para a sucessão familiar em estabelecimentos rurais da região oeste de Santa Catarina. **Extensão Rural**. v. 25. n.4, out./dez. 2018. p. 57-70.

MAIA, A. G. O esvaziamento demográfico rural. *In*: BUAINAIN, A. M. et al. (Org.). **O mundo rural no Brasil século 21**. 1. ed., Brasília-DF: Embrapa, 2014. p. 1.081-1.099.

MATTE, Alessandra; SPANEVELLO, Rosani Marisa; ANDREATTA, Tanice. Perspectivas de sucessão em propriedades de pecuária familiar no município de Dom Pedrito – RS. **Holos**. v. 1. n. 1, fev. 2015. p. 144-159. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1964>. Acesso em 12 jun. 2022.

MATO GROSSO. **Economia**. Mato Grosso: GOVERNO, 2015. Disponível em <http://www.mt.gov.br/economia>. Acesso em: 27 set. 2021.

MOLIN, Anielle Beatriz Toscano *et al.* A visão dos sucessores de organizações familiares do agronegócio: um mapeamento dos fatores facilitadores e restritivos do processo de sucessão. *In: II Simpósio de Tecnologia SITEFA*, 2., 2019, Sertãozinho- SP. **Anais [...]** Sertãozinho: FATEC, 2019, p. 171-183. Disponível em: <https://sitefa.fatecsertaozinho.edu.br/sitefa/article/view/83>. Acesso em: 4 jul. 2022.

MORAIS, Manoela *et al.* Sucessão na gestão das organizações: uma bibliometria no campo científico brasileiro. **Revista FSA**. v. 5. n. 1, jan/fev. 2018. p. 83-103. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1423/0>. Acesso em: 8 maio 2022.

MORAIS, Manoela. **Sucessão e teoria do comportamento planejado: o estado da arte e a intenção de potenciais sucessores em se tornarem produtores rurais**. 2017. 83 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio), Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados-MS, 2017.

NASCIMENTO, Alani Pereira Paula do; FIGUEIREDO, Adriano Marcos Rodrigues; MIRANDA, Pamela Rodrigues. Dimensão do PIB do agronegócio na economia de Mato Grosso. **Ensaio FEE**. v. 38. n. 4, mar. 2018. p. 903-929. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/3781/3953>. Acesso em: 7 jul. 2022.

NISHITSUJI, Denny Amari. **O processo da sucessão em organizações familiares na microrregião de Cornélio Procópio**. 2009. 95 f Dissertação (Mestrado em Administração), Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2009.

OLIVEIRA, Walber Machado de; VIEIRA FILHO, José Eustácio Ribeiro. **Sucessão nas fazendas familiares: problemas e desafios**. Brasília-DF: Ipea. 2018.

PEREIRA, Caroline Nascimento; CASTRO, César Nunes de. **Educação no meio rural: diferenciais entre o rural e o urbano**. Brasília-DF: Ipea. 2021.

PESSOTO, Ana Paula *et al.* Factors influencing intergenerational succession in family farm businesses in Brazil. **Land Use Policy**. v. 87. n. 1, set. 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264837718314212>. Acesso em: 10 jun. 2022.

RECH, Luisa Rhoden *et al.* What are the options for farm succession? Models for farm business continuity. **Journal of Rural Studies**. v. 88. n. 1, dez. 2021. p. 272-278. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0743016721002862>. Acesso em: 6 jul. 2022.

ROSSO, Carla Luiza. **Desafios enfrentados pelas sucessoras no processo de sucessão familiar em empresas do agronegócio**. 2012. 32 f. Monografia (Bacharelado em Administração de Empresas), Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas, Centro Universitário de Brasília. Brasília-DF, 2012.

